

**PARTICIPAÇÃO DO CAPITAL BRASILEIRO NA CADEIA PRODUTIVA DO FRANGO DE CORTE: ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO AGRONEGÓCIO NACIONAL**

**BRAZILIAN COMPANIES' MARKET SHARE IN THE BROILER SUPPLY CHAIN: STRATEGY FOR DOMESTIC AGRIBUSINESS DEVELOPMENT**

**Gabriel da Silva Medina**

Doutor em Ciências Agrárias  
Universidade de Brasília (UnB)  
Brasília, DF – Brasil  
gabriel.medina@unb.br

**Marcos Barcellos Café**

Doutor em Zootecnia  
Universidade Federal de Goiás (UFG)  
Goiânia, GO – Brasil  
mcafe@ufg.br

**Jofran Luiz de Oliveira**

Doutor em Engenharia Agrícola e de Biosistemas  
Universidade Federal de Rondonópolis (UFR)  
Rondonópolis, MT – Brasil  
jofran@ufr.edu.br

\* **Recebido em: 08/07/2020**

\* **Aceito em: 09/11/2020**

**RESUMO**

O conhecimento das cadeias produtivas do agronegócio feito no Brasil permite ações assertivas para o fomento de setores de interesse estratégico para o país. Um dos aspectos fundamentais a ser considerado é onde há oportunidades para ampliar a participação de grupos nacionais em relação aos multinacionais. Objetiva-se neste trabalho identificar a participação das empresas brasileiras nos principais segmentos da cadeia de suprimentos do frango de corte produzido no Brasil. O levantamento foi realizado a partir de consulta ao material institucional das empresas e das associações setoriais que atuam nas principais etapas produtivas. O estudo revela que 45,8 % da cadeia produtiva do frango são controlados por grupos brasileiros, enquanto que 54,2 % pertencem a multinacionais. A participação doméstica se destaca nos segmentos de frigoríficos (com 82,8 % de participação doméstica), de nutrição (com 60,7 %) e de produção (com 100 %). Por outro lado, a participação de grupos brasileiros é inferior nos segmentos de genética (com 1,0 % de participação brasileira), de saúde animal (com 15,3 %) e de equipamentos (com 15,0 %). Entre as estratégias para o crescimento do agronegócio do país, deve ser considerado o aumento da participação de grupos domésticos ao longo dos segmentos agroindustriais que melhor remuneram capital e trabalho.

**Palavras-chave:** Agronegócio; agroindústria; avicultura; desenvolvimento regional; política agrícola.

---

## ABSTRACT

Understanding agribusiness supply chains allows assertive measures to promote strategic sectors for Brazilian stakeholders. It is fundamental to identify areas of opportunities where domestic groups can increase their market share vis-à-vis multinational corporations. This study seeks to reveal the market share held by domestic companies in different sectors of the poultry supply chain established in Brazil. The study is based on the review of institutional material published by companies and their representative associations operating in the main stages of the broiler production. The study reveals that 45.8 % of the broiler supply chain is controlled by domestic groups while multinational companies hold 54.2 % of the whole market. Domestic companies' market share stands out in business sectors such as meat processing (with 82.8 % of domestic market share), animal feeding (with 60.7 % domestic) and chicken farming (100 % domestic). On the other hand, Brazilian groups' market share is lower in sectors such as chicken breeding (with 1 % of domestic participation), animal health (15.3 % domestic) and chicken farming equipment (15.0 % domestic). Strategies for promoting Brazilian agribusiness should include efforts for growing the market share held by domestic groups throughout the agro-industrial segments that best remunerate capital and labor.

**Keywords:** Agribusiness; agroindustry; poultry; regional development; agricultural policy.

## 1. INTRODUÇÃO

O agronegócio é definido como a soma de todas as operações envolvidas na fabricação e na distribuição de suprimentos agrícolas; operações de produção da fazenda; e o armazenamento, processamento e distribuição de produtos agrícolas (DAVIS; GOLDBERG, 1957). A expansão do agronegócio no Brasil leva a debates sobre como o setor pode oferecer oportunidades para o desenvolvimento nacional com base no aumento da participação de grupos domésticos nos negócios realizados no país (MEDINA; DOS SANTOS, 2017).

Entre as estratégias para o crescimento do agronegócio brasileiro, deve ser considerado o aumento da participação de grupos brasileiros ao longo dos segmentos agroindustriais das cadeias produtivas que melhor remuneram capital e trabalho (CORONEL, 2020). Enquanto a produção agropecuária em campo representou 4,8 % do Produto Interno Bruto (PIB) do país em 2019, o agronegócio como um todo, incluindo os setores à montante e à jusante das fazendas, foi responsável por 21,2 % do PIB brasileiro (CEPEA, 2020).

A maior parte do esforço da política agrícola brasileira para o desenvolvimento do agronegócio tem sido feito a partir de créditos de custeio subsidiados, direcionados a grandes produtores rurais em incentivo à produção de *commodities* agropecuárias (MAPA, 2019). Esta abordagem ainda não incorpora uma estratégia para o desenvolvimento das cadeias produtivas como um todo, incluindo não só a fazenda, mas também os segmentos de insumos à montante e de processamento à jusante da fazenda.

A avicultura tem colocado o Brasil em posição de destaque mundial, com o país ocupando o lugar de maior exportador e de segundo maior produtor mundial de frangos de corte, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (ABPA, 2020). Em 2019, foram produzidas 13,2 milhões de toneladas de carne de frango, com 68 % da produção destinada ao mercado doméstico e 32 % para exportação (ABPA, 2020). A produção de ovos em 2019 contabilizou 49 bilhões de unidades, com 99,6 % da produção destinada ao mercado interno e o restante exportado (ABPA, 2020).

A cadeia produtiva do frango de corte está constituída por frigoríficos ou empresas integradoras, pelos setores de genética, saúde e nutrição animais, pelas indústrias de implementos e equipamentos, e pelos produtores de frango. A produção se inicia com a importação de aves “avós” para o desenvolvimento das matrizes, já que as linhagens genéticas ainda são pouco desenvolvidas no Brasil (VASCONCELOS; SILVA, 2015). As matrizes se

reproduzem e os ovos fecundados são enviados para incubadoras. O pinto de um dia é repassado ao produtor de frangos pelos frigoríficos ou empresas integradoras. No final do período de criação, a empresa/frigorífico remunera o produtor e recolhe, abate e comercializa as aves.

A produção de frango de corte no Brasil está concentrada nas regiões Sul e Sudeste, com crescimento recente no Centro-Oeste em virtude da oferta de soja e milho, principais matérias-primas utilizadas na alimentação das aves (PROCÓPIO; LIMA, 2019). A inovação nas agroindústrias brasileiras de frango é fundamentalmente incremental e adaptativa das tecnologias geradas no exterior, o que caracteriza a avicultura como um setor dominado por fornecedores e com forte dependência tecnológica estrangeira (BASSI; SILVA; SANTOYO, 2013). No entanto, há avanços importantes no processo de inovação a partir de parcerias com instituições públicas brasileiras como universidades públicas (SCHMIDT; SILVA, 2018).

Busca-se neste trabalho analisar a participação do capital brasileiro na cadeia produtiva do frango de corte produzido no Brasil. Desta forma, pode-se identificar oportunidades para ações estratégicas de apoio ao desenvolvimento do agronegócio brasileiro a partir de investimentos em segmentos produtivos que melhor remuneram capital e trabalho. Especificamente, pretende-se:

1. Estimar o *market share* de grupos brasileiros em relação aos multinacionais nos principais segmentos da cadeia produtiva do frango de corte;
2. Identificar oportunidades para o desenvolvimento de políticas de apoio à agroindústria doméstica a partir dos segmentos com potencial para maior participação de grupos brasileiros.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Com a liberalização econômica na década de 1990, o agronegócio brasileiro recebeu investimentos estrangeiros significativos que foram fundamentais para a dinamização econômica de várias cadeias produtivas (SAES; SILVEIRA, 2014). Os investimentos estrangeiros diretos são considerados positivos no sentido de contribuir para o crescimento econômico, diretamente - por meio da acumulação de capital e *know-how* tecnológico - e indiretamente - por meio de transbordamentos de tecnologia para empresas domésticas na economia anfitriã (COLEN; MAERTENS; SWINNEN, 2008).

Por outro lado, em alguns casos, a compra de empresas brasileiras por multinacionais implicou o controle quase absoluto de cadeias produtivas por grupos estrangeiros, como é o caso da cadeia produtiva da soja no Brasil (MEDINA; RIBEIRO; BRASIL, 2016). Nesses casos, o Brasil corre o risco de participar apenas como provedor de terras, de recursos naturais e de mão de obra não especializada para a produção primária, com retornos financeiros relativamente limitados, e com potencial alto impacto ambiental e social pela expansão para novas fronteiras agropecuárias (MEDINA; DOS SANTOS, 2017).

Portanto, há a necessidade de se analisar a participação dos grupos econômicos domésticos nos diferentes segmentos das diversas cadeias produtivas do agronegócio presentes no país. A identificação do *market share* doméstico é ponto de partida para exploração de estratégias para a consolidação e ampliação da participação brasileira que, ao final, contribuirá para o desenvolvimento do país como um todo.

A ampliação da participação do capital doméstico ao longo das cadeias produtivas do agronegócio é estratégica por diversos motivos: 1. Possibilitar investimentos em segmentos produtivos que melhor remuneram capital e trabalho; 2. Fomentar o desenvolvimento tecnológico do país; 3. Manter lucros e dividendos para investimentos no país; 4. Reduzir custos produtivos a partir de insumos locais; e 5. Garantir a segurança nacional (CANO, 2014; CORONEL, 2020).

Os segmentos agroindustriais das cadeias produtivas do agronegócio tendem a remunerar melhor do que a produção primária nas fazendas. Isso porque o setor industrial oferece mais oportunidades de economias de escala que o setor agrícola, e os efeitos de encadeamento e transbordamento são maiores do que na agricultura (CORONEL, 2020). A ampliação da participação de grupos domésticos nos diferentes segmentos das cadeias produtivas do agronegócio é estratégica para a melhor remuneração dos investimentos domésticos.

Adicionalmente, a participação doméstica em segmentos agroindustriais mais inovadores potencialmente catalisa o desenvolvimento tecnológico do país (BASSI; SILVA; SANTOYO, 2013). Parte das multinacionais com filiais no Brasil desenvolve tecnologias em seus países de origem e, muitas vezes, seus investimentos no Brasil são direcionados à comercialização da tecnologia. Empresas domésticas tendem a desenvolver tecnologias localmente (VILELA et al., 2016).

Outro aspecto importante é que empresas domésticas tendem a manter seu capital em investimentos no país, dinamizando a economia regional. Embora as empresas multinacionais domésticas também operem investimentos fora do país, as médias e pequenas empresas tendem a atuar mais no mercado doméstico e a investir seus lucros no próprio país. Multinacionais enviam lucros e dividendos para suas matrizes no exterior e não investem todos os lucros no Brasil. Esse movimento é maior com o aumento do risco país e com expectativas de desvalorização do real (CUNHA; PERGHER; PERFEITO, 2018).

A maior participação nacional na produção de insumos poderia ampliar a competitividade do agronegócio pela redução dos custos com importação de insumos em dólar, que oneram a produção particularmente em tempos de desvalorização cambial. A produção de insumos no Brasil é especialmente relevante, considerando que o preço internacional e o efeito do câmbio têm sido os principais componentes da composição do preço doméstico (CANO, 2014). Grupos domésticos tendem a ter mais interesse em produzir no país do que multinacionais.

Por fim, a participação de grupos nacionais no agronegócio é importante inclusive para a segurança nacional. Em casos extremos, como o da pandemia de Covid-19 ou até mesmo de eventuais conflitos, o país pode precisar contar com capacidade tecnológica e infraestrutura industrial instalada. Empresários domésticos tendem a responder mais aos interesses estratégicos do país em momentos de crise quando comparados aos grupos multinacionais.

### 3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com base em um estudo de caso (GIL, 2008) da cadeia produtiva de frango de corte estabelecida no Brasil. O estudo partiu da identificação dos insumos mais comumente utilizados para cada etapa da cadeia de produção, de seus fornecedores e do país de origem dos acionistas das empresas fornecedoras desses insumos. Esta etapa foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica de materiais científicos e tecnológicos publicados sobre a cadeia produtiva do frango e de pesquisa documental sobre o material institucional e documentos oficiais das empresas analisadas e de suas associações setoriais.

No Brasil, as associações de produtores organizados por segmentos produtivos estimam a participação de seus associados no mercado e divulgam essas informações em anuários estatísticos, muitas vezes disponíveis em suas páginas de internet. Um exemplo é Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) que reúne 30 empresas responsáveis por mais de 95 % das exportações brasileiras de carne de frango (ABPA, 2020).

A partir das informações levantadas na revisão de literatura e no material institucional das empresas, estimou-se a participação (*Market share*) das empresas de capital doméstico.

Para cada segmento da cadeia produtiva, identificou-se a quantidade total produzida no país (exemplo: abate anual de aves no segmento de frigoríficos). Em seguida, foi levantada a capacidade produtiva das principais empresas atuando em cada segmento (exemplo: JBS com 1,5 bilhão de aves). Em todos os casos, as fontes foram citadas ao longo do trabalho.

De forma adicional à estimativa do *market share* nos principais segmentos produtivos, foi levantada a composição acionária das empresas como forma de identificar a participação de grupos domésticos em relação às multinacionais. Esta estimativa foi particularmente desafiadora, pois as empresas não costumam disponibilizar os dados sobre sua participação no mercado, sobretudo as multinacionais (MURPHY; BURCH; CLAPP, 2012). A participação das corporações multinacionais também é difícil de ser detectada porque muitas vezes elas vendem seus produtos com os nomes das marcas das empresas locais que foram compradas por elas (SANTOS; GLASS, 2018).

No Brasil, a composição acionária das empresas de capital aberto é protegida por lei. Não obstante, as empresas com ações na bolsa de valores mantêm disponível em suas páginas de internet a composição acionária dos grupos controladores. Com isso, para muitos casos, foi possível identificar se o controle das empresas é feito por grupos brasileiros ou multinacionais. As empresas familiares brasileiras costumam indicar em seus websites que são grupos 100 % brasileiros, inclusive como estratégia de marketing.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1. Frigoríficos/Abatedouros

Em 2019 foram produzidas 6.468 milhões de cabeças de frango de corte no Brasil (RUIZ, 2020). Esta produção resultou em 13.245 mil toneladas de carne de frango, das quais 4.214 mil toneladas foram exportadas (ABPA, 2020). A produção de carne de frango no Brasil é hoje liderada pelas multinacionais brasileiras JBS e BRF que controlam praticamente metade do mercado (Tabela 1). O restante do mercado é controlado por outros grupos domésticos com tradição no mercado brasileiro.

Nos últimos anos a JBS assumiu a liderança do mercado brasileiro de frango de corte ao incorporar a Céu Azul, a Big Frango e a Tyson. A JBS é uma empresa multinacional de capital aberto controlada pela brasileira J&F Investimentos S.A. Sua composição acionária está dividida em: grupo de controle (J&F Investimentos S.A. e Formosa) com 39,8 %; tesouraria com 2,3 %; BNDESPar com 21,3 %; e acionistas minoritários com 36,6 % (JBS, 2020). O BNDESPar é a holding do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Entre os acionistas minoritários estão a Caixa Econômica Federal (CEF) com 4,9 % das ações, outros grupos brasileiros com 6,7 % das ações e grupos internacionais (VALOR, 2017). Com isso, estima-se o controle de grupos brasileiros em 75 % (39,8 % da J&F Investimentos S.A., 2,3 % da tesouraria, 21,2 % da BNDESPar, 4,9 % da CEF e 6,7 % de outros grupos).

A BR Foods foi criada em 2009, a partir da associação entre a Sadia e a Perdigão (VASCONCELOS; SILVA, 2015). A BRF tem como maiores acionistas a Fundação Petrobrás de Seguridade Social (Petros) com 11,4 % das ações e a Caixa de Previdência dos Funcionários do Branco do Brasil com 9,4 %, além de 0,1 % de ações de tesouraria e 0,8 % do conselho de administração (BRF, 2020). Os fundos de pensão da Petrobrás e do Banco do Brasil são controlados por empregados participantes das respectivas empresas. A empresa possui grande percentual de ações *free float*, de livre circulação no mercado. Hoje, 14,1 % dessas ações pertencem ao ADR (American Depositary Receipts) (BRF, 2020), que são instrumentos criados para permitir que investidores norte-americanos negociem ações de empresas que não são dos Estados Unidos. Assim, estima-se a participação de grupos brasileiros na empresa em 53,8 % (11,4 % da Petros, 9,4 % da Previd. BB, 0,1 % de ações de

tesouraria e 0,8 % do conselho de administração e 32,1 % considerando a metade dos outros acionistas 64,2 %).

Em sequência no mercado estão cooperativas e centrais de cooperativas, todas com capital 100 % brasileiro. A Cooperativa Central Aurora Alimentos é formada por 11 cooperativas filiadas, compreendendo mais de 65 mil produtores rurais. A Copacol é uma cooperativa que reúne seis mil produtores que abatem anualmente 172,3 milhões de aves (incluindo Copacol e Unitá). Cooperativas menores incluem a Lar Cooperativa Agroindustrial, a C Vale Cooperativa Agroindustrial e a Coopavel (Tabela 1).

Entre as empresas menores e de capital fechado, destaca-se a Rio Branco Alimentos S/A, dona da marca Pif Paf Alimentos. A Rio Branco é uma empresa familiar 100 % brasileira que completou 50 anos no mercado, sendo uma das 10 maiores brasileiras no setor de processamento de aves. A participação dos grupos domésticos neste segmento da cadeia produtiva do frango foi estimada em 82,8 % (Tabela 1). Esta estimativa foi feita considerando apenas a participação brasileira nas empresas JBS e BRF (75 % e 53,8 % respectivamente) e o fato de que todas as demais empresas do segmento são brasileiras.

**Tabela 1 - Market share das empresas líderes na produção de frangos de corte no Brasil em 2019.**

Empresa	País sede do controlador	Abate anual (milhões de aves)	Market share (%)	Participação brasileira (%)
JBS (Seara)	Brasil (75 %)	1.569,0	24,3	18,2
BRF	Brasil (53,8 %)	1.554,0	24,0	12,9
Aurora Alimentos	Brasil	242,6	3,8	3,8
Copacol	Brasil	172,3	2,7	2,7
Lar Cooperativa Agroindustrial	Brasil	149,0	2,3	2,3
C Vale Cooperativa Agroindustrial	Brasil	144,7	2,2	2,2
Rio Branco Alimentos S/A (Pif Paf Alimentos)	Brasil	80,0	1,2	1,2
Coopavel	Brasil	52,5	0,8	0,8
Outras	Brasil	2.503,9	38,7	38,7
<b>Total</b>	-	<b>6.468,0</b>	<b>100,0</b>	<b>82,8</b>

Fonte: Ruiz (2020).

#### 4.2. Genética

O segmento de genética de aves de corte no Brasil é controlado por duas multinacionais estrangeiras: a Aviagen e a Cobb. A Aviagen é controlada pelo grupo alemão Erich Wesjohann (EW) desde 2005, e tem sede nos Estados Unidos, mas 14 de suas unidades estão localizadas no Brasil. Em 2018 a Aviagen comprou a Hubbard e, em 2019, a empresa detinha 63 % de participação da produção nacional de genética avícola voltada para frango de corte (AVINEWS, 2019).

A Cobb-Vantress, braço de genética avícola da americana Tyson Foods, é líder mundial no fornecimento de aves de produção para frangos de corte e em especialização técnica no setor avícola. Com sede no Arkansas, Estados Unidos, a Cobb-Vantress está presente há 22 anos no Brasil. Até 2022, a empresa quer atingir uma capacidade para produzir 42 milhões de matrizes, número que inclui a parceira gaúcha Agrogen (MENDES, 2018).

Juntas, a Aviagen e a Cobb podem produzir 38 milhões de matrizes por ano. O plantel brasileiro é de 50 milhões de matrizes (o que inclui as aves matrizes dos frigoríficos da

JBS/Seara e da BRF que priorizam as compras da geração de aves avós). O crescimento da Aviagen nos últimos anos reflete uma decisão comercial adotada pela concorrente Cobb. Desde janeiro de 2018, a Cobb não comercializa a geração de aves avós (geração responsável pela produção de matrizes), uma decisão que desagradou às gigantes JBS (Seara) e BRF. No Brasil, apenas as duas líderes em carne de frango têm escala para comprar as avós; as outras indústrias compram matrizes.

Considerando o controle das multinacionais, estimou-se a participação dos grupos brasileiros em 1 % neste segmento de mercado (Tabela 2). Entre os grupos brasileiros, destaca-se a Gramado Avicultura, empresa 100 % brasileira, que importa genética francesa da SASSO, líder mundial no segmento da avicultura alternativa, além de ser referência na multiplicação e comercialização de poedeira Embrapa 051.

**Tabela 2 - Market share dos principais grupos atuando em genética de frango de corte no mercado brasileiro.**

Empresa	País sede do controlador	Market share (%)	Participação brasileira (%)
Aviagen	Alemanha	63,0	0,0
Cobb	EUA	35,0	0,0
Outras	Brasil/ Multinacionais	2,0	1,0
<b>Total</b>	-	<b>100,0</b>	<b>1,0</b>

Fonte: AVINEWS (2019).

### 4.3. Saúde animal

O segmento de saúde animal no Brasil é controlado por quatro grupos farmacêuticos multinacionais: MSD, Zoetis, Boehringer Ingelheim e Elanco (SANTOS; GLASS, 2018). Este controle está, em grande parte, relacionado ao desenvolvimento e patenteamento de medicamentos de última tecnologia.

A MSD Saúde Animal é braço veterinário da farmacêutica estadunidense Merck que comprou, em 2017, a indústria veterinária brasileira Vallée, uma das líderes na fabricação de produtos de saúde animal no país com mais de 22 % do mercado brasileiro (VALOR, 2016). A Zoetis nasceu após decisão da Pfizer Inc. de transformar sua unidade de saúde animal em uma empresa independente, a mais nova companhia líder no mercado global que disputa com a MSD a liderança do mercado brasileiro (VALOR, 2016).

A alemã Boehringer Ingelheim se consolidou no Brasil há mais de 60 anos e aumentou sua participação no mercado nacional para quase 22 % com a aquisição da Merial em 2016 (GLOBORURAL, 2018). A empresa estadunidense *Elanco Animal Health* chegou em 2019 a um acordo para adquirir a unidade de medicamentos veterinários da alemã Bayer e passou a configurar como a quarta maior no segmento de saúde animal, com 13,8 % do mercado brasileiro (ISTOÉ, 2020).

Apesar do controle multinacional, grupos domésticos possuem uma fatia importante do mercado de saúde animal, particularmente no segmento de medicamentos genéricos. Entre os grupos com capital doméstico com fatia de mercado significativa, destacam-se a Ourofino e a UCBVET.

A Ourofino é a maior empresa de capital doméstico neste segmento. É especialista em produtos genéricos e detém 9,6 % do mercado brasileiro (OUROFINO, 2019). É uma empresa de capital aberto, com composição acionária dividida da seguinte forma: 56,3 % dos acionistas fundadores (brasileiros), 16,9 % da *General Atlantic* que é uma empresa de *private equity* que investe em empresas em crescimento e o restante de outros grupos nacionais (OUROFINO, 2020).

A participação doméstica no segmento de saúde animal no Brasil foi estimada em 15,3 % do total (Tabela 3). No caso da Ourofino, dado o *market share* de 9,6 % (OUROFINO, 2019), a participação doméstica foi calculada em 7,9 %, considerando o fato de a empresa possuir 83,1 % de participação nacional. No caso das demais empresas de capital doméstico, a participação foi estimada a partir de dados disponibilizados pelo Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SINDAN, 2019).

**Tabela 3 - Market share dos principais grupos atuando no mercado de saúde animal no Brasil.**

Empresa	País sede do controlador	Market share (%)	Participação Brasileira (%)
MSD Saúde Animal (Vallée)	EUA	22,3	0,0
Zoetis	EUA	22,1	0,0
Boehringer Ingelheim (Merial)	Alemanha	21,8	0,0
Elanco (Bayer)	EUA	13,8	0,0
Outras	Multinacionais	3,0	0,0
Ouro Fino	Brasil (83,1 % nacionais)	9,6	7,9
UCBVET	Brasil	1,5	1,5
Outras	Brasil	5,9	5,9
<b>Total</b>	-	<b>100,0</b>	<b>15,3</b>

Fonte: Sindan (2019).

#### 4.4. Nutrição

O Brasil produziu 74,3 milhões de toneladas de ração animal em 2019, sendo que, desse total, a avicultura de corte foi responsável pelo consumo de 32,9 milhões de toneladas (SINDIRACÃO, 2020). A fabricação de rações na avicultura de corte é feita em sua grande maioria pelas próprias empresas que produzem o frango. Dessa forma, não existe comercialização importante de rações de frangos de corte. O grande movimento financeiro do segmento de nutrição animal é realizado na compra das matérias-primas para a fabricação de ração. Dentre as matérias-primas, o milho e o farelo de soja compõem mais de 80 % do volume da ração para frangos de corte.

No ramo de rações de frangos, apenas uma parte da ração, que corresponde aos premixes e aditivos, é comercializada pelas empresas de nutrição animal. As maiores empresas do segmento de premixes e aditivos operando no Brasil são as multinacionais Cargill e DSM (Tabela 4). A Nutron, marca de nutrição animal da Cargill no Brasil, é líder no desenvolvimento de núcleos e premixes. A Cargill tem participação na produção de 7,5 milhões de toneladas de rações por ano, equivalente a 10 % do mercado nacional. A DSM também controla cerca de 10 % do mercado brasileiro.

Outra empresa multinacional com participação importante no mercado de nutrição mineral é a Phibro que detém 3,2 % do mercado brasileiro. A Archer Daniels Midland Company (ADM) completou em 2019 a aquisição da Neovia. A Neovia já havia comprado a Nutrizon em 2016 como estratégia de expansão comercial no norte do Brasil. Com isso, pode-se esperar que o *market share* da ADM cresça nos próximos anos. Outras multinacionais importantes no mercado brasileiro incluem Vetanco do Brasil, ABVista, Yes, Auster, Alltech, Ilender e Adisseo.

Também existem empresas brasileiras com participação relevante no mercado nacional de nutrição animal. O alto custo do transporte, pelo peso dos produtos, acaba favorecendo

grupos regionais. Esses fatores de proximidade física e relacionamento ajudam a explicar que os grupos brasileiros detenham 60,7 % do mercado (Tabela 4). Entre as empresas brasileiras com mercado nacional, destacam-se Agrocere, Agrifirm, Poli-Nutri, Guabi Nutrição Animal e Vaccinar. A Guabi e a Vaccinar mantêm centros de pesquisas em avicultura em parceria com universidades públicas brasileiras.

Destaque na produção brasileira, a Agrocere opera com as marcas Agrocere Multimix e Novanis. Embora a Agrocere sementes tenha sido vendida à Monsanto, a negociação não incluiu os negócios no segmento de nutrição animal que continua sendo gerido pela Agrocere. Há ainda empresas brasileiras de abrangência regional com parte importante do mercado.

**Tabela 4 - Market share dos principais grupos atuando no mercado de nutrição de frangos de corte no Brasil.**

Empresa	País sede do controlador	Market share (%)	Participação brasileira (%)
Cargill nutrição animal	EUA	10,0	0,0
DSM	Países Baixos	10,0	0,0
Phibro	EUA	3,2	0,0
ADM (Neovia/Nutrizon)	EUA	3,1	0,0
Outras	Multinacional	13,0	0,0
Abrangência nacional	Brasil	50,0	50,0
Abrangência regional	Brasil	10,7	10,7
<b>Total</b>	-	<b>100,0</b>	<b>60,7</b>

Fonte: Elaborado a partir de Sindirações (2019).

#### 4.5. Equipamentos

A cadeia avícola tem grande demanda por equipamentos. Existem várias categorias de equipamentos, sendo que as dez principais são: abate, criação, embalagens, fábrica de ração, frigorificação, incubação, industrialização do processamento cárneo, laboratórios, transporte e vestuário. Neste artigo foram considerados apenas os equipamentos de criação que são adquiridos diretamente pelos produtores de frangos juntos aos representantes comerciais das empresas fabricantes. Este segmento é, em grande parte, controlado por grandes corporações multinacionais, embora existam empresas brasileiras competitivas com um *market share* estimado em 15 % do total do mercado (ABIMAQ, 2020).

Os grupos multinacionais incluem principalmente empresas dos Estados Unidos e de países europeus. As principais multinacionais operando no mercado brasileiro em diferentes tipos de equipamentos são:

- Big Dutchman (EUA) – Oferece comedouros, bebedouros, silos de alimentação e transportadoras, pesagem de aves, iluminação, sistemas de ventilação e controles. A Big Dutchman Brasil é, desde 2000, a representação em solo brasileiro da Big Dutchman, que é a maior empresa de fabricação e comercialização de equipamentos para criação de aves e suínos do mundo;
- GSI/Agromarau Brasil (EUA) – Fornecem silos, comedouros, bebedouros e acessórios;
- Roxell/Matriaves LTDA (EUA) – Fabrica sistemas de comedouros, bebedouros ninhos, aquecedores e ventilação;
- Propex do Brasil (EUA) – Fabrica cortinas para aviários;
- Chore-Time (EUA) – Produz sistema de comedouros, bebedouros e climatização;

- Dosatron Brasil (EUA) - É fabricante de bombas dosadoras hidro-motoras sem eletricidade para saúde das aves;
- Plasson do Brasil (Israel) – Trabalha com equipamentos automatizados para alimentação de frangos, perus, matrizes e suínos. A empresa tem como clientes principais a BRF, a JBS e a Aurora. A Plasson do Brasil é uma filial da multinacional Plasson, de Israel, cujos sócios majoritários são 360 famílias do Kibutz Maagan Michael. Buscando a ampliação de suas atividades, a Plasson do Brasil comprou 100 % das ações da brasileira ATI Sangyo Equipamentos Avícolas S/A;
- Lubing do Brasil (Alemanha) - Fornece principalmente sistemas de bebedouros e climatização;
- Tecnoesse (Itália) – Fornece comedouros, bebedouros, equipamentos de climatização, aquecedores, controlador de ambiente, exaustores, *inlets*, nebulização, painel evaporativo *cooling, tuneldoor*, ventiladores, entre outros;
- Munters Brasil (Suécia) – Possui linha de equipamentos para a climatização de aviário. Exaustores, painéis evaporativos, *inlets*, controladores, ventiladores, filtros de luz, entre outros; e
- Vencomatic (Países Baixos) - Tem destaque em equipamentos eclosão de ovos em galpões (sistema pátio), embora também trabalhe com equipamentos para frangos de corte.

Apesar do domínio multinacional, algumas empresas de capital brasileiro têm mercado importante. Destacam-se:

- Casp (Brasil) – Fornece equipamentos de armazenamento (silos), comedouros, bebedouros, exaustores, ventiladores, distribuidores automáticos, entre outros;
- Metaza (Brasil) – Fabrica aquecedores para aviários; e
- Avioeste (Brasil/Itália) – Produz aquecedores para granja, bebedouros, dosadores, campânulas, nebulizadores, filtros nebulizadores, resfriamento evaporativo, ventiladores, comedouros, cortinas para galpão, entre outros. Com a parceria com a Corti italiana, a Corti/Avioeste é hoje uma das principais fornecedoras de equipamentos para o agronegócio do Brasil e atua em todo o território nacional e internacional com produtos para Avicultura.

#### 4.6. Produtores

Estimou-se que a totalidade dos criadores do frango produzido no Brasil é brasileira uma vez que o país não importa carne de frango (Tabela 5). Segundo o Censo Agropecuário, em 2017, o Brasil possuía 593.295 estabelecimentos agropecuários que vendiam frangos, de um total de 2.862.495 que criavam frangos, indicando que a menor parte dos produtores está integrada às cadeias de comercialização e que a maior parte cria para consumo doméstico.

No caso da produção de frango de corte em sistema industrial, os produtores normalmente são integrados aos frigoríficos que determinam o sistema de criação e compram toda a produção. Esse sistema de produção, conhecido por integração, é uma parceria entre a empresa integradora e o parceiro produtor rural, cada um com responsabilidades específicas. A empresa fornece o pinto de um dia, a ração e assistência técnica e o integrado se responsabiliza pelo granjeiro, que é mão de obra da criação (manejo) e pelo galpão. No final do período de criação, a empresa/frigorífico recolhe, abate e comercializa as aves e remunera o produtor de acordo com os índices técnicos de cada lote de frangos criado (LARA et al., 2015).

Existe um movimento nacional para criação da Associação Brasileira dos Avicultores Integrados (Abai), com sede em Brasília (DF), para lutar pelos interesses dos produtores integrados. Já estão formados conselhos regionais em DF, GO, MG, BA, MT, MS, PR e SC.

Existe ainda o movimento para a avicultura alternativa com o objetivo de fortalecer a representatividade dos produtores e de promover sistemas de criação mais voltados para o bem-estar animal organizado a partir da Associação Brasileira da Avicultura Alternativa (AVAL).

**Tabela 5 - Participação de grupos nacionais e multinacionais na cadeia produtiva do frango de corte produzido no Brasil.**

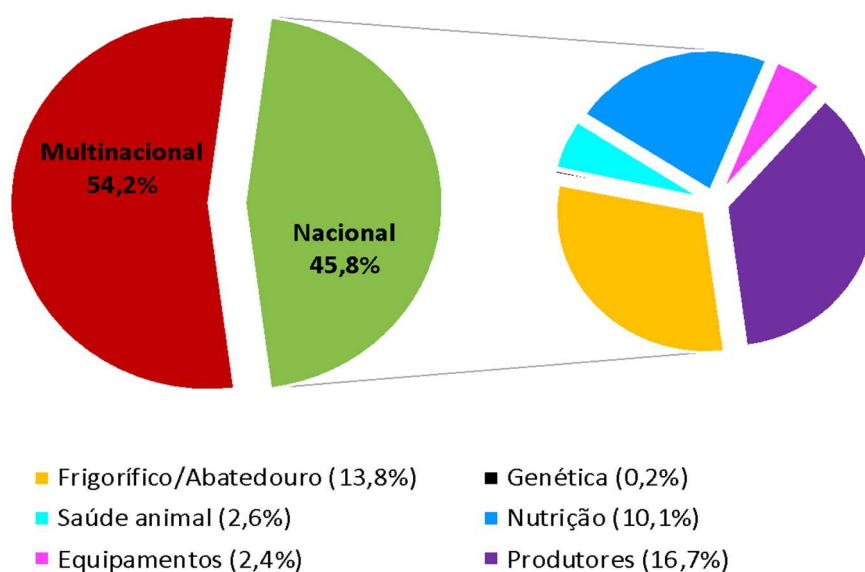
Segmentos	Nacional <i>Market share (%)</i>	Multinacional <i>Market share (%)</i>	Proporcional ao total Nacional (%)
Frigorífico/Abatedouro	82,8	17,2	13,8
Genética	1,0	99,0	0,2
Saúde animal	15,3	84,7	2,6
Nutrição	60,7	39,3	10,1
Equipamentos	15,0	85,0	2,4
Produtores	100,0	0,0	16,7
<b>Total</b>	-	-	<b>45,8</b>

Fonte: Autores.

#### 4.7. Total

Considerando a cadeia produtiva do como um todo (o conjunto dos seis segmentos analisados), calculou-se a participação doméstica proporcional por segmento (quarta coluna da tabela 5). O cálculo foi feito dividindo o *market share* doméstico em cada segmento pelo conjunto dos seis segmentos. Ao final, as participações proporcionais por segmento foram somadas. Assim, estimou-se a participação proporcional dos grupos brasileiros em 45,8 % e, conseqüentemente, a participação dos grupos multinacionais em 54,2 %. A participação proporcional dos grupos brasileiros nos principais segmentos da cadeia produtiva do frango de corte estabelecida no Brasil está ilustrada na figura 1.

**Figura 1 - Participação de grupos nacionais e multinacionais na cadeia produtiva do frango de corte produzido no Brasil.**



Fonte: Autores.

---

## 5. CONCLUSÃO

Buscou-se neste trabalho analisar a participação do capital brasileiro na cadeia produtiva do frango de corte produzido no Brasil de forma a identificar oportunidades para ações estratégicas de apoio ao desenvolvimento do agronegócio brasileiro. A pesquisa foi feita a partir da estimativa do *market share* de grupos brasileiros em relação aos multinacionais nos principais segmentos da cadeia produtiva do frango de corte.

Este levantamento revelou que 45,8 % da cadeia produtiva do frango de corte produzido no Brasil são controlados por grupos brasileiros. A participação doméstica se destaca nos segmentos de frigoríficos (com 82,8 % de participação doméstica), de nutrição (com 60,7 %) e de produção (com 100 %). Por outro lado, a participação doméstica é inferior à multinacional nos segmentos de genética (com 1 % de participação doméstica), de saúde animal (com 15,3 %) e de equipamentos (com 15,0 %).

Esses são segmentos que podem ser estrategicamente apoiados para a consolidação e expansão da participação de grupos brasileiros. A ampliação da participação do capital doméstico ao longo das cadeias produtivas do agronegócio é estratégica por possibilitar investimentos em segmentos produtivos que melhor remuneram capital e trabalho; por fomentar o desenvolvimento tecnológico do país; por manter lucros para investimentos no país; por reduzir custos produtivos a partir de insumos locais; e, até mesmo, pela segurança nacional.

A expansão da participação do capital doméstico ao longo dos segmentos agroindustriais que melhor remuneram capital e trabalho e que mais inovam é uma alternativa para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro e deve ser fomentada pelas políticas agrícola e industrial do país. Para isso, a política agrícola brasileira precisa evoluir do atual enfoque quase exclusivo em crédito subsidiado para grandes produtores rurais para uma estratégia de desenvolvimento das cadeias produtivas como um todo, incluindo não só a fazenda, mas também os segmentos de insumos à montante e os segmentos de processamento à jusante da fazenda.

A cadeia produtiva do frango de corte revela a possibilidade de consolidação de empresas domésticas competindo em um mercado de livre concorrência e aberto a investimentos estrangeiros. Tanto a consolidação de grupos domésticos existentes quanto o esforço para a conquista de mercados hoje com baixa participação de empresas brasileiras podem aumentar os ganhos do Brasil com o agronegócio desenvolvido no país.

Como limitação da pesquisa e direcionamento para novos estudos, destaca-se a necessidade de acompanhar a evolução da participação brasileira na cadeia produtiva do frango ao longo de um conjunto de anos para que se possa identificar tendências de ampliação ou redução do *market share* nacional. Estudos futuros podem explorar ainda o impacto que a pandemia de Covid-19 teve sobre a sobrevivência das empresas brasileiras operando ao longo da cadeia produtiva. Finalmente, considera-se relevante a comparação com outras cadeias produtivas para identificar políticas de apoio necessárias ao agronegócio brasileiro como um todo.

## REFERÊNCIAS

- ABIMAQ. **Indicadores conjunturais**. Disponível em: <<http://www.abimaq.org.br/site.aspx/AbimaqIndicadores-Conjunturais>>.
- ABPA. **Relatório anual 2020**. [s.l.] Associação Brasileira de Proteína Animal, 2020.
- AVINEWS. **Brasil lança nova marca de genética avícola “Brazilian Breeders”**. Disponível em: <<https://avicultura.info/pt-br/brazilian-breeders-genetica-avicola/>>.
- BASSI, N. S. S.; SILVA, C. L. DA; SANTOYO, A. Inovação, pesquisa e desenvolvimento na agroindústria avícola brasileira. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 21, n. 2, p. 392–417, 2013.

- BRF. **BRF - Composição acionária**. Disponível em: <<https://ri.brf-global.com/governanca-corporativa/composicao-acionaria/>>.
- CANO, W. (Des)Industrialização e (Sub)Desenvolvimento. **Cadernos do Desenvolvimento**, v. 9, n. 15, p. 139–174, 2014.
- CEPEA. **PIB do agronegócio - Dados de 1994 a 2019**. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>>.
- COLEN, L.; MAERTENS, M.; SWINNEN, J. **Foreign direct investment as an engine for economic growth and human development: a review of the arguments and empirical evidence**. [s.l.] Leuven Centre for Global Governance Studies, 2008.
- CORONEL, D. A. Processo de desindustrialização da economia brasileira e possibilidade de reversão. **Revista de Economia e Agronegócio**, v. 17, n. 3, p. 389–398, 2020.
- CUNHA, A.; PERGHER, N.; PERFEITO, P. Estado e política de desenvolvimento industrial no Brasil (2003-2014). In: HENKIN, H. (Ed.). **Política Industrial e Internacionalização**. Porto Alegre: UFRGS/CEGOV, 2018. p. 202.
- DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. A Concept of Agribusiness. **American Journal of Agricultural Economics**, v. 39, n. 4, p. 1042–1045, nov. 1957.
- GLOBORURAL. **Boehringer aumenta em 170% vendas de produtos de saúde animal em 2017**. Disponível em: <<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Empresas-e-Negocios/noticia/2018/04/boehringer-aumenta-em-170-vendas-de-produtos-de-saude-animal-em-2017.html>>.
- ISTOÉ. **Brasil, o melhor amigo da Elanco**. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/brasil-o-melhor-amigo-da-elanco/>>.
- JBS. **Composição acionária e societária**. Disponível em: <<https://jbss.infoinvest.com.br/investidores-esg/governanca-corporativa/composicao-acionaria-e-societaria>>.
- LARA, L.; ROSTAGNO, L.; BOMBARDI, L.; CALDAS, L.; ONODA, E.; CAMARGOS, L.; LEONARDO, J.; CARNEAL, C.; QUEIROZ, M.; CHRISTIANE, F. Economic analysis of chicken production under integration contracts in small family farms. **Ffch - Usp**, v. 2012, p. 351–368, 2015.
- MAPA. **Plano agrícola e pecuário 2019/2020**. Brasília: Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, 2019.
- MEDINA, G.; DOS SANTOS, A. P. Curbing enthusiasm for Brazilian agribusiness: The use of actor-specific assessments to transform sustainable development on the ground. **Applied Geography**, v. 85, p. 101–112, 2017.
- MEDINA, G.; RIBEIRO, G.; BRASIL, E. Participação do capital brasileiro na cadeia produtiva da soja: lições para o futuro do agronegócio nacional. **Revista de Economia e Agronegócio**, v. 13, n. 1, 2016.
- MENDES, L. **Aviagen e Cobb acirram disputa pelo mercado de genética avícola**. Disponível em: <<https://www.avisite.com.br/index.php?page=noticiasclippings&id=32435>>.
- OUROFINO. **Sustainability Report 2018**. São Paulo: Ourofino Animal Health, 2019.
- OUROFINO. **Ouro Fino Saúde Animal: Composição acionária**. Disponível em: <<https://ri.ourofino.com/show.aspx?idCanal=jFaOEN9UYDWUCpultSya8A==>>.
- PROCÓPIO, D.; LIMA, H. Avaliação conjuntural da avicultura no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 3, p. 1–12, 2019.
- RUIZ, B. Empresas Líderes 2020: Fuerte crecimiento de la avicultura latinoamericana en 2019. **Industria Avícola**, p. 48, abr. 2020.
- SAES, M. M.; SILVEIRA, R. L. F. Novas formas de organização nas cadeias agropecuárias brasileiras: Tendências recentes. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 22, n. 2, p. 386–407, 2014.
- SANTOS, M.; GLASS, V. **Atlas do Agronegócio: Fatos e números sobre as corporações**

- 
- que controlam o que comemos.** Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2018.
- SCHMIDT, S.; SILVA, C. Pesquisa e Desenvolvimento na Cadeia Produtiva de Frangos de Corte no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 56, n. 3, p. 467–482, 2018.
- SINDAN. **Anuário da indústria de produtos para saúde animal.** São Paulo: Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal, 2019.
- SINDIRAÇÕES. **Relatório anual.** São Paulo: Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), 2019.
- VALOR. **Com Vallée, MSD deve ser líder em saúde animal.** Disponível em: <<https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2016/07/05/com-vallee-msd-deve-ser-lider-em-saude-animal.ghtml>>.
- VALOR. **Caixa Econômica Federal reduz participação na JBS para 4,99%.** Disponível em: <<https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2017/01/12/caixa-economica-federal-reduz-participacao-na-jbs-para-499.ghtml>>.
- VASCONCELOS, M.; SILVA, C. Trajetória da Estratégia e Inovação na Cadeia Produtiva de Frango de Corte no Brasil: Um Estudo de Caso em uma Empresa Brasileira. **Espacios**, v. 36, n. 24, p. 13, 2015.
- VILELA, D.; FERREIRA, R.; FERNANDES, E. JUNTOLLI, F. **Pecuária de leite no Brasil: Cenários e avanços tecnológicos.** Brasília: Embrapa, 2016.